> Aterro

> Landfill

por Mayra Redin

Atua na intersecção entre a arte, a escrita e a clínica psicanalítica. Psicóloga (Unisinos), Artista Visual (UFRGS), Mestre em Educação (UFRGS) e Doutora em Artes (UERJ), faz parte do grupo-oficina Artesania dos dias (Porto Alegre) e atua também como professora. Participa de exposições e residências artísticas desde 2004. Publicou o livro *Poema de começo de construção* (Quelônio, 2018) e *Histórias de observatório* (Confraria do Vento, 2013), e também ensaios e artigos teóricos. Ilustrou *Mrs. Dalloway* (Autêntica, 2012), de Virginia Woolf, com tradução de Tomaz Tadeu. Trabalha as questões relacionadas à imagem e palavra pensando os limites entre o visível e o invisível, a escuta e os sentidos, o registro e a memória, a intimidade e a troca. E-mail: mayraredin@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7284-8703

> Ensaio Visual recebido em 02.02.2020 e aceito em 06.02.2020

Sobre o Ensaio Visual

A partir de telhas velhas imersas na paisagem da floresta da *Ecovila Terra Una* e de enciclopédias também velhas que um morador queria se desfazer, imaginei uma estrutura feita pelo encadeamento de ambas. Telhas e livros, nesta composição, dão liga, uns aos outros, e mantem tudo entrelaçado se auto sustentando, provisoriamente. Penso: tanto as telhas quanto as enciclopédias, cada qual do seu lugar, causam um certo ruído na paisagem da floresta, que tem a ver com a afirmação de uma presença humana. Dão a ver um certo confronto ou o impasse entre habitar fazendo parte deste todo e / ou o não se sentir fazendo parte (mesmo que talvez em algum momento, talvez mítico, se fizesse) e a tentativa de fazer uso deste lugar interferindo o menos possível.

Aterro foi feito para ser deixado lá, ficando a cargo do próprio lugar desfazê-lo, pensando também na possibilidade da reincorporação pela natureza, à sua forma e ao seu tempo próprio. Foi construído atrás da escola da *Ecovila*, em concordância e com a participação da professora Fernanda Lenzi e das crianças presentes no momento.

Aterro, indica a possibilidade de intervenção: dos bichos, da vegetação, também das pessoas (que podem tirar e devolver os livros em ordens diversas), que tornam, cada um ao seu modo, a estrutura móvel.

Referência para citação deste ensaio visual

REDIN, Mayra. Aterro. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 1, p. 662 – 668, junho de 2020.